

São Jorge em perspectiva dialógica: quando a crença popular encontra a mídia

*Humberto Ivan Keske*¹

Resumo: O presente trabalho tem como proposta a revisão de alguns dos pressupostos da obra bakhtiniana no que concernem às noções de enunciação, dialogismo e Cultura, aplicado ao poema-canção *Jorge da Capadócia*, com letra do compositor Jorge Bem Jor e música de Caetano Veloso. Retrabalha as questões ligadas à produção do sentido e da significação de um determinado enunciado a partir de uma perspectiva interdiscursiva e social, onde o significado realiza-se através de um conjunto complexo de fatores, de sujeitos em atos de fala, de intertextos, de interditos, de não-ditos que são atualizados pelos sujeitos interpretantes a partir de um dado contexto cultural.

Palavras-chaves: dialogismo; enunciação; sentido; significação; cruzamentos culturais.

Abstract: This work is proposed as the revise some of the assumptions of the work bakhtiniana regarding the notions of enunciation, dialogism and culture, applied to the poem-song *Jorge da Capadócia*, with composer by Jorge Bem Jor and music by Caetano Veloso. Rework the issues related to the production of meaning and signification of a particular statement from a social perspective interdiscursiv and where the meaning is held through a complex set of factors, from subjects in acts of speech, of intertext, of unspoken that are updated by the subjects of the process interpretation from a given cultural context.

Key-words: dialogism; enunciation; direction; signification; cultural crossroads.

Introdução

A voz de Caetano Veloso rerepresenta, em uma versão midiática, basicamente os mesmos elementos presentes no cancionário litúrgico popular, ofertado como breviário religioso, aos fiéis

¹ Doutor (2007) e Mestre (2003) em Comunicação Social – PUCRS. Especialização em Teorias do Jornalismo e Comunicação de Massa (2000) – PUCRS e Bacharel em Jornalismo (1995) – PUCRS. Professor titular de Graduação e Pós-Graduação e Pesquisador líder do Projeto intitulado **Paisagens culturais: estudo das representações, das narrativas e dos imaginários do cinema gaúcho** – contemplado com Bolsa PIBIC – CNPq. Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cultura – Centro Universitário Feevale. E-mail: humberto@feevale.br.

de São Jorge ². Como se percebe, o texto que narra a valentia do grande guerreiro e protetor dos aflitos pode ser lido através de uma infinidade de matrizes dialógicas e, principalmente, sincrético-míticas. Pela mesma aparência de identidade, de cotidianidade, de homogeneidade, transbordam universos inteiramente distantes, novos, diferentes, inusitados, imprevisíveis, continuamente recriados e criativos que, de alguma forma, estão relacionados entre si. Quais os diálogos envolvidos nessa tessitura? Que tipos de recepção subsistem em tal narrativa? Que transformação sofre a significação a partir da mudança do contexto enunciativo?

Para além das múltiplas possibilidades teóricas que, com certeza se apresentam, nosso interesse situa-se na possibilidade de articulação dialógica e nas projeções/reflexões dos possíveis sentidos culturais presente no texto *Jorge da Capadócia*. Não por acaso, vamos procurar nos valer de alguns dos elementos presentes em Bakhtin para (re) pensarmos a questão das narrativas que se entrecruzam para compor a multiplicidade de tessituras que se completam, colidem-se, confrontam-se e velam-se ao se explicitarem, para a instauração, construção e atualização dos sentidos multiculturais ali presentes.

Descartamos, propositalmente, os aspectos sincrético-míticos que poderiam ser analisados a partir de outros aportes teórico-metodológicos. Nosso trabalho não se destina a percorrer tais trilhas interpretativas. Estamos procurando visualizar um possível núcleo multifacetado, que traz em si uma estrutura dialógica hipercodificada que, ao transbordar seu local de “origem” (conhecemos primeiramente *Jorge da Capadócia* através da versão midiática oferecida por Caetano Veloso), vai recriar-se a partir das atualizações sugeridas pelo *contexto* em que se encontram seus leitores/sujeitos/receptores, autores vivificantes da obra dialógica.

Para além de uma significação contida em um nível meramente lingüístico-frasal, o contexto se torna fundamental para a compreensão do sentido de um texto em sua *forma plena*; se é que podemos falar de uma *compreensão plena* do *real sentido* de um texto. Não nos

² A presente reflexão bakhtiniana teve início ao receber uma oração católica, em forma de breviário religioso, desses que são distribuídos nas esquinas das grandes avenidas de uma cidade qualquer, dedicada ao Santo São Jorge, Padroeiro do Brasil, e um convite para conhecer a Igreja localizada na Avenida Bento Gonçalves, no bairro Partenon, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A oração em questão, abaixo transcrita, se refere ao poema-canção *Jorge da Capadócia*, com letra do compositor Jorge Bem Jor e música de Caetano Veloso.

Jorge sentou praça na cavalaria. Eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia. Eu estou vestido e armado com as armas de Jorge, para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem; para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem; para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam e nem mesmo em pensamento eles possam ter para me fazerem mal. Armas de fogo meu corpo não alcançarão; facas e espadas se quebrem, sem ao meu corpo tocar; cordas e correntes se arrebentem sem o meu corpo amarrar, pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge. Jorge é da Capadócia.

esqueçamos que estamos sempre e, sobretudo, em um *universo interpretativo*, multifacetado e fragmentado, isto sim, pelas diferentes leituras humanas. Deve-se ressaltar que nossa intenção não é a de traçar um panorama amplo acerca da obra bakhtiniana, mas sim, destina-se em perceber, através de *certo olhar*, um possível fio condutor de como a *temática do dialogismo* pode se manifestar e apresentar-se em uma narrativa qualquer, como a que constitui os textos em questão.

Em uma época em que se procura (re) dimensionar a compreensão da pluralidade dos sistemas de signos de que se compõem a Cultura, o poema-canção *Jorge da Capadócia* adquire os contornos dos questionamentos acerca das interferências, dos entrecruzamentos, e das fronteiras que perpassam as diferentes linguagens e suas experimentações religiosas, artísticas, sociais e culturais. A possibilidade de refletir acerca de tais conexões e suas interações certamente extrapola a presente discussão, até porque não poderíamos (re) pensar cada encontro sógnico como se fosse um nó único de sentido, relegando a um segundo plano a idéia de *tessitura cultural* e, portanto, dialógica que se faz necessária.

Diálogos possíveis: entre os signos e seus contextos circundantes

O termo *dialogismo* surge no contexto do *Círculo de Bakhtin*³ por volta de 1928 e 1929, para expressar a permanente interação e colisão entre estruturas significantes inseridas em um determinado campo histórico e social. Este inesgotável *diálogo* entre signos e, principalmente, entre “sistema de signos”, quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. Sob esta ótica,

Dialogia foi o termo que mais se usou para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas, composto não por um universo dividido entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc., mas como um universo composto de signos, do mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os enunciados mais complexos, como a obra de um grande pensador como Marx, cujos valores e significados não eram dados e estáticos, mas extremamente ambíguos e mutáveis. (RONCARI, 1994: X).

³ A expressão *Círculo de Bakhtin* é empregada por diversos autores para se referirem ao grupo multidisciplinar composto por Bakhtin e alguns de seus discípulos mais próximos, entre os quais se encontravam Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev, co-autores de uma série de trabalhos que tinham em comum a paixão pela filosofia e pelo debate de idéias.

A própria noção de signo, como se percebe, transforma-se na *arena* do permanente cruzamento entre estes dois planos: o da *infraestrutura*, que através da economia dá suporte a toda a sociedade; e o plano da *superestrutura*, entendida como as normas sociais, políticas, culturais, etc., que formam a estrutura ideológica da sociedade. Como todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica é sempre um reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser o produto de uma consciência individual isolada. Qualquer modificação na ideologia encadeia uma modificação na língua. Nestes termos, a noção de dialogismo termina por remeter ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo *sentido pleno* emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais (diálogos).

Preocupado em evitar mal-entendidos, Faraco (2003) procura esclarecer qual o sentido que a palavra *ideologia* adquire nos textos produzidos pelo Círculo de Bakhtin.

A palavra *ideologia* é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). *Ideologia* é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista). (FARACO, 2003: 46)

Por estas razões, o estudo da literatura, de uma maneira geral, e, especialmente, do interdiscurso e das questões sobre poética, conforme desenvolvido por Bakhtin em *Problemas de poética em Dostoievski* (1929); da necessidade do diálogo e da contextualização da cultura dita “vulgarizada” ou de “praça pública” trazida para a “boa” literatura do denominado “gosto erudito”, analisado em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1945); e da estrutura do texto e do discurso refletidos nas obras *O problema dos gêneros do discurso* (1952-53) e *O problema do texto* (1959-61), são exemplos de estudos sobre *ideologias*. Como se percebe, o termo *ideologia* não deve ser tomado em seu sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado no *entorno teórico marxista*, mas sim, como *área de expansão* da criatividade intelectual/cultural humana. Os produtos e artefatos elaborados por tais áreas do conhecimento humano, e, principalmente, pela *imprevisibilidade* que a criação artística acarreta, não podem ser estudados desconectando-os da *realidade concreta* que os abriga. Este é o sentido que a concepção bakhtiniana dá ao do termo.

Assim sendo, os signos são *intrinsecamente* ideológicos, isto é, criados e interpretados no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Todo e qualquer signo e todo e qualquer enunciado, nesta concepção, estão localizados na essência profunda de uma determinada *dimensão ideológica* (arte, política, Direito, etc.), e sempre comportam uma determinada *posição avaliativa*: “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”. (FARACO, 2003: 47). O estudo das *ideologias*, na nomenclatura bakhtiniana, expande-se para a busca da compreensão da *noção de valor*, intrínseca no próprio ser humano. O papel central da linguagem se insere, deste modo, no contexto de elaboração de uma *filosofia da cultura*, onde as relações sócio-culturais são criadas, representadas e interpretadas à luz de uma determinada cultura e das relações dessa cultura com os seres humanos. Vale lembrar que o *signo* é dinâmico e vivo; tem seu significado mutável; está em permanente *relação dialógica infinita* (conflituosa e harmoniosa) com as estruturas sociais das quais se origina. O *sinal*, ao contrário, não pertence ao domínio da ideologia, mas sim, ao mundo dos objetos técnicos, imutáveis e sempre iguais a si mesmos.

Tudo o que é ideológico (isto é, – entenda-se bem – todos os produtos da cultura dita imaterial) possui significado; é, portanto, um signo. (...) O domínio da ideologia coincide com o domínio dos signos. Eles são mutuamente correspondentes. Ali onde um signo se encontra, encontra-se também ideologia. Tudo o que é ideológico possui valor semiótico. (FARACO, 2003: 47).

A noção de *dialogismo* se refere, então, à *dinâmica* do processo semiótico de *interação das vozes sociais*, que se interpenetram, colidem, encontram-se, desencontram-se dispersam-se e agrupam-se em torno do *todo social* no qual subsistem e a partir do qual compõem novas multiplicidades dialógicas.

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão *entre* seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação. (FARACO, 2003: 48).

À semelhança da noção de ideologia, a própria metáfora do permanente *diálogo*, palavra por si só complexa e ambígua, também deve ser revista, uma vez que existem múltiplos diálogos dentro da própria *noção de diálogo*. Conforme Faraco (2003), os membros do Círculo de Bakhtin

não se interessaram pelo estudo da forma-diálogo, comumente associada às conversas dos personagens nas narrativas escritas, nos textos dramáticos ou na interação face-a-face.

As relações entre réplicas de tais diálogos são um tipo mais simples e mais extremamente visíveis de relações dialógicas. As relações dialógicas, no entanto, não coincidem, de modo algum, é claro, com relações entre réplicas do diálogo concreto – elas são muito mais amplas, mais variadas e mais complexas (BAKHTIN *apud* FARACO, 2003: 59).

Nestes termos, o dialogismo bakhtiniano não deve ser *tomado e medido* como mais um *conceito qualquer* entre outros tantos conceitos com os quais estamos acostumados a trabalhar teoricamente. Não se trata aqui, de algum *instrumento* a que o próprio Bakhtin recorre para abordar determinados aspectos do real. A noção de dialogismo deve ser entendida como uma espécie de *sistema filosófico*, suficientemente capaz de abranger, com um olhar compreensivo/responsivo, o *Ser do Homem* e as suas formas inusitadas e imprevisíveis do *fazer cultural*. Não haveria outro modo de Bakhtin explicitar esta interação infinita e permanente senão com a metáfora do *eterno diálogo* que permeia todo o *universo semiótico* que nos assiste e do qual somos parte constitutiva.

Sentido e significação: das Palavras de um Guerreiro

Ao procurar refletir sobre a (re) constituição e (re) instauração de um *outro* conceito de língua, ampliado e diferenciado do que vinha sendo estudado pela lingüística, Bakhtin (1997) esboça os fundamentos de uma teoria do conhecimento, aglutinando, no interior da língua, os problemas e as questões relacionadas aos sujeitos e às suas realidades concretas circundantes. A partir desta perspectiva, a noção de enunciação em Bakhtin assume contornos essencialmente sociais, e passa a interagir com os demais fatores que habitam o universo (re) criado e (re) significado pela linguagem do homem.

Nestes termos, Bakhtin (1997) interessa-se em desvendar de que maneira se produz o sentido e a significação de um dado enunciado; ou seja, de que forma a *palavra* pode ser significada em sua *plenitude*. Para tanto, faz a diferenciação entre a noção de *tema* e *significação*, partindo da questão inicial de que:

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 128).

Como se percebe, esta *unidade* da enunciação proposta pelo autor é sempre uma combinação de elementos verbais com aspectos não-verbalizados, pressupostos pelo emissor e pelo destinatário de um processo comunicacional. Tal pressuposição ocorre, principalmente, através dos *não-ditos* comunicacionais: enquanto *diálogo*, muitas “falas internas” desenvolvem-se com um mínimo de verbalização. Esta noção de *tema* da enunciação em Bakhtin (1997) “é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 128).

Enquanto significado global que confere unidade à enunciação, a noção de tema é caracterizada pela *transitoriedade*, uma vez que é apropriada unicamente ao *momento da proferição* e a nenhum outro. É único e irreprodutível. Em outras palavras, “o tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua plenitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 128). Por outro lado, no interior silencioso do *tema*, a enunciação também é dotada de uma *significação*, que se refere aos elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são *repetidos*. No dizer de Bakhtin (1997):

Naturalmente, esses elementos são abstratos: fundados sobre uma convenção, eles não têm existência concreta independente, o que não os impede de formar uma parte inalienável, indispensável, da enunciação. O tema da enunciação é na essência irredutível a análise. A significação da enunciação, ao contrário, pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos lingüísticos que a compõem. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 129).

O exemplo trazido pelo autor é o da elocução [Que horas são?] que possui uma acepção diferente cada vez que é proferida, produzindo, conseqüentemente, um tema diferente, que depende da situação particular em que é expressa e da qual faz parte. As horas do levantar-se

cedo; do atraso; do cansaço; do afeto; ou da mera necessidade de posse daquela informação, não serão jamais as mesmas. A conexão com a situação histórica e concreta de ocorrência acarreta tantos outros significados quantos exemplos de sua proferição. Tais situações históricas e seus múltiplos significados não podem ser divididos, portanto, em elementos estáveis compostos pela mera *união morfológica e sintática* das palavras [que + horas + são = significado]. Tal plenitude lhe escapa. A profusão de significados decorrentes de uma simples indagação acerca de *que horas são* termina por extrapolar o ambiente lingüístico-frasal. Na visão bakhtiniana, a *significação* encerra a palavra na concepção dicionarizada de seus elementos; ao passo que a noção de *tema*, presente em cada enunciação, leva em consideração todas as demais situações concretas *capazes de significar*. Diferenciando-as,

O tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A *significação* é um *aparato técnico para a realização do tema*. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a *significação* e o tema. Não há tema sem *significação*, e vive-versa. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 129). Grifo do autor.

A relação entre tema e *significação* na língua é de complementaridade e de mútua interação: a noção de *tema* se apóia sobre certa *estabilidade da significação*, sem a qual as palavras perderiam o seu sentido, em uma espécie de *livre-escolha significativa*. Sendo *parte*, a *significação está para o todo*; ou melhor, *realiza-se nesse todo*, do qual faz parte. Bakhtin (1997) reitera que se abstrairmos por completo essa relação com o todo, que é a própria enunciação em sua plenitude, perderíamos a *significação*. É por estas razões que considera não haver uma fronteira clara entre tema e *significação*.

O tema constitui o *estágio superior real da capacidade lingüística de significar*. De fato, apenas o tema *significa* de maneira determinada. A *significação* é o *estágio inferior da capacidade de significar*. A *significação* não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de *significar* no interior de um tema concreto. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 131). Grifo do autor.

Nestes termos, a abordagem bakhtiniana acerca da *significação* de um elemento lingüístico pode orientar-se para duas diferentes direções: em um estágio superior, a noção de *tema* estará envolvida com a *investigação contextual* de uma dada palavra nas condições de uma

enunciação concreta. Se optar pelo o estágio inferior, e perceber unicamente os elementos reiteráveis e idênticos da enunciação, a compreensão da significação da palavra estará encerrada no *sistema da língua*, pelo viés de uma *investigação dicionarizada*, na qual o termo é tomado em sua *forma isolada* e deslocado de seu contexto enunciativo. De qualquer modo, ainda que tenha importância no esclarecimento da significação de uma determinada palavra, o *dicionário* contribui para fixar determinadas compreensões no interior do “sistema” língua, deixando de lado outras opções de significação mais adequadas, alternativas e criativas para as particularidades de cada enunciação.

Fundamentalmente, o que está sob a distinção entre *tema* e *significação* para Bakhtin (1997) relaciona-se à questão da compreensão *ativa* e *passiva* da enunciação. Ao seu ver, a compreensão passiva, típica dos filólogos, exclui qualquer *atitude responsiva*, justamente por isolar a palavra e tratá-la como sempre idêntica a si mesma (forma dicionarizada). Neste sentido, argumenta que “qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo; deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de outro processo evolutivo”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 131).

Novamente, está aí colocada a metáfora do diálogo, onde cada termo do processo enunciativo, em cada particularíssimo instante de cada enunciação, já requer, por si só, uma *localização contextual ativa e responsiva*. Compreender é dialogar! É desta *plenitude significativa* que Bakhtin (1997) nos fala: “não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto *traço de união entre os interlocutores*, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 132).

Assim sendo, a *canção* Jorge da Capadócia é de uma *natureza significativa* completamente diferente da *oração*, ainda que tenham, praticamente, os mesmos elementos lingüísticos. Entretanto, saídos de uma mesma “matriz” textual, digamos assim, na falta de definições melhores, cada uma, à sua maneira, requer uma determinada abordagem analítica, que passa a adquirir contornos enunciativos inusitados. Se percebidos a partir do olhar discriminativo, preocupado em investigar a significação da palavra no sistema da língua, a canção, descontextualizada e tomada isoladamente, torna-se “igual” à oração, com seus sinais lingüísticos repetíveis e sempre idênticos a si mesmos.

Por outro lado, se percebidos sob o ângulo de uma compreensão que busca o *tema da enunciação* presente em Jorge da Capadócia, os significados que dali emergem adquirem uma *construção social*, dialógica e polifônica envolvida com a amplitude concreta do fenômeno histórico ao qual pertencem, e para o qual concorre todo um sistema sógnico, dinâmico e complexo, de interações sociais. A oração passa a requerer uma *atitude responsiva ativa*, capaz de apreender o *todo significante* no qual se insere e que envolve o *local enunciativo* específico de sua geração/recepção.

A voz de Caetano Veloso, escutada no rádio de um carro enquanto dirigimos, por exemplo, *não é a mesma* que nos manda (convoca!), no interior de uma Igreja, vestir as armaduras de São Jorge para nos defender de nossos inimigos. A *atmosfera social significa* e implica outros elementos; produz outras enunciações; envolve outros interlocutores em processos de avaliação coletiva. Desvinculada de sua conotação (vocação) religiosa, Jorge da Capadócia chama mais a atenção pela interpretação artística de um poema do que pela particularidade de seu *uso* (emprego coletivo), feito pelos seus fervorosos devotos, que ao se reunirem (propositalmente/deliberadamente) no interior de uma Igreja, colocam a *Palavra Divina* do *Santo Guerreiro* em *ação*.

Estando em movimento, o enunciado não transmite meramente palavras isoladas ou mensagens sob as bases de um determinado código, mas *consciências* empenhadas em um entendimento simultâneo e ininterrupto. Quem *fala* ouve e quem *ouve* participa do processo comunicacional responsivo que se transforma em um construto continuamente renovável de significações. Canção e oração tornam-se distintas em seus contextos particulares: Jorge da Capadócia não trata tanto da beleza e da expressividade de seus termos lingüísticos constituintes, nem tampouco do somatório de palavras orquestradas por uma melodia, quanto da “forma”, digamos assim, de como a palavra é explorada/empregada/apropriada por um determinado grupo, ganhando “força”, “poder”, “distinção”, “qualidade”, graças à situação social (religiosa) de seu proferimento. Sob este ponto de vista, *os locais de geração/recepção das enunciações não podem ser abordados como sendo equivalentes*. Este aspecto é *distintivo e fundante* de uma outra produção de sentido surgida a partir do mesmo texto. Falamos da compreensão e apreensão de uma outra esfera de valores; de um outro viés do real saído do próprio real e que insistia em ocultar-se.

Bakhtin (1997) repensa as questões ligadas à instauração do *tema* e da significação em um determinado enunciado a partir desta perspectiva interdiscursiva e social, onde o significado realiza-se *através* de um conjunto complexo de fatores, de sujeitos em atos de fala, de intertextos, de interditos, de não-ditos; enfim, de diálogos. Ou seja, “procura explorar a idéia e centrar a discussão de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta, no momento e no lugar da atualização do enunciado” (BRAIT, 2001: 77).

Nestes termos, Bakhtin (1997) defende a idéia de que este *redimensionamento da significação*, com a (re) instauração inusitada de sentidos ocorre, fundamentalmente, a partir da inter-relação entre a *significação* já presente em cada palavra (valor inferior – sempre estável e idêntico a si mesmo), e a *apreciação* ou *valor apreciativo* realizado pelo sujeito (fala viva) em processo de interação com outros sujeitos e com a situação social circundante. O nível mais evidente e ao mesmo tempo mais superficial deste *acento de valor* contido em cada palavra se manifesta através da *entonação expressiva* conferida pelos sujeitos às palavras.

Em outros termos, o enunciado será atualizado em sua *real dimensão* não apenas a partir do ponto de vista de seu significado semântico (forma gramatical abstrata) conforme comentamos, mas através da entonação expressiva que cada palavra possui *em sua relação* com o *contexto enunciativo* de seu proferimento. Em outros momentos de sua obra, Bakhtin se refere a este *acento de valor* de cada palavra chamando-o de aspecto ou tom *emocional-volitivo*.

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado de um acento apreciativo determinado. Sem acento, não há palavra”. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 132).

Além da noção de *enunciação* enquanto *interação* que envolve a relação *entre* sujeitos com o *cenário social* em que a palavra está sendo proferida, Bakhtin (1997) deixa transparecer a idéia do permanente diálogo entre textos proporcionado pelas diferentes entonações expressivas que deles fazem parte. Inclusive, para o autor, o conteúdo de cada palavra ou expressão somente pode ser realizado em sua plenitude através do tom emocional-volitivo, que é o aspecto que realmente confere *valor* à idéia proferida. Graças a este acento de valor *vivemos* ativamente uma experiência, *apreciando-a* em todos os seus aspectos, o que significa não sermos indiferentes a

ela. “É precisamente o tom emocional-volitivo que orienta e afirma o fator semântico na experiência singular.” (BAKHTIN, 1993: 32-33 *apud* BRAIT, 2001: 76).

Deste modo, em um processo comunicacional, diferentes “falas” podem se constituir a partir de uma mesma e única palavra, que pode apresentar significados completamente diferentes graças à *entonação expressiva* que é dada no momento de sua proferição. É o caso do poema-canção Jorge da Capadócia, que já traz em si toda uma bagagem dialógica e *hipercodificada* e um histórico interpretativo anteriores, e que transborda de seu local gramatical “original”, digamos assim, na forma fixa (dicionarizada) através da qual inicialmente expressava um significado, para realizar sua *plenitude significativa* na interação social que é dada pelo contexto (particularmente particularizado) a ser atualizado e pelo *tom* ou *acento de valor* dado a cada expressão em uma situação específica.

Por tais razões, Bakhtin (1997) credita à apreciação o *papel criativo* nas mudanças de significação onde, fundamentalmente, essa transformação sofrida pela significação é uma *reavaliação*: ou seja, o deslocamento de uma determinada palavra de um contexto apreciativo para outro. Em outras palavras, esta *competência avaliativa* dos partícipes do processo de comunicação e de suas interações com o *contexto* em que se dá o enunciado, relacionado ao poder *emocional-volitivo* que coloca o objeto/palavra/enunciado em movimento, através de determinado julgamento realizado pelo falante, passam a ter papel fundamental no processo de significação. *O som adquire valor*, e passa a ser significante e constituinte da própria noção de significação. Neste constante processo reavaliativo, nada permanece estável:

é por isso que a significação, elemento abstrato e igual a si mesmo, é absorvida pelo tema; é dilacerada por suas contradições vivas, para retornar, enfim, sob a forma de uma nova significação, com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. A significação é sempre provisória. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997: 136).

Nestes termos, além de perceberem o enunciado *Jorge da Capadócia* como prece, em seu mais constituinte aspecto emocional-volitivo, os fiéis utilizam-na a partir de um ponto de vista declaradamente ideológico, no sentido bakhtiniano (criativo) do termo, nem tão marcado pela luta de classes, conforme coloca Faraco (2003), até porque uma determinada crença, para um grupo específico e definido, unifica e irmana a todos, mas sim, no sentido *avaliativo* que é afirmado/legitimado por aquele grupamento. “A enunciação de um signo é sempre também a

enunciação de índices sociais de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valor”. (FARACO, 2001: 53). Em São Jorge da Capadócia, *O Verbo é Poder! E é Ele, O Verbo Divino, Quem confere o estatuto de valor*, de valoração, de Verdade Suprema à palavra proferida.

Nestes termos, o “eu” (enunciador) realiza-se na noção de “nós” bakhtiniano (coletivo), entendido como o espaço onde *a comunicação é negociada* em uma multiplicidade de interações significativas que conferem plenitude concreta e viva à língua. O “nós” somente ganha força, verdade, legitimidade através do *diálogo* com este *espaço real*, social, ideológico, contextual, coletivo que representa/reapresenta diferentes significações à medida que é (re) enunciado. O Eu dialoga com seus múltiplos outros; em outras palavras, no *Outro* já está presente o *eu*. As tensões e pulsões sociais da noção de “nós” coletivo dispersam-se em várias direções: ao cruzarem-se, tecem-se, ganhando força. Dessa união se origina *a força de um coletivo cada vez mais pulsante*.

Ao professarem sua oração, os devotos já estão, de alguma maneira, indicando (prevendo/requerendo) a *relação social* que se dá *entre* locutores e ouvintes, o que termina por aproximá-los em termos de *certa afinidade*, seja familiar, religiosa, comunitária, filantrópica ou de auto-ajuda. A fé é soberana: no silêncio de uma igreja leva os que a ela se entregam a conversar com o Divino, ao mesmo tempo em que interagem com seus pares de caminhada espiritual, tornados comuns pelo convívio. A fala, enquanto veículo de comunicação está a serviço das necessidades *concretas e vivenciais* daquela comunidade de falantes. Temos aí, e uma vez mais, o olhar bakhtiniano voltado *para* o mundo.

Finalizando, *Jorge da Capadócia* atualiza determinadas *propriedades textuais* mediante *contextos específicos*. Seu sentido e significação plenos não estão contidos nas linhas que, ao serem tecidas, formaram seus mais diferentes intertextos. Constituem-se em possibilidades que são facultadas ao leitor de inferir o possível contexto lingüístico e as possíveis circunstâncias de enunciação, a partir do local de sua recepção. As múltiplas possibilidades de enunciação e de recepção *brincam de pertencer a vários sistemas semióticos ao mesmo tempo*, co-ocorrendo de maneira simultânea. A atualização, ora indicada, ora a espera de uma possível descoberta por parte do leitor/sujeito/receptor, recria/possibilita diferentes *percursos de leitura*, em função das muitas denotações e conotações decorrentes, adquirindo múltiplas significações de acordo com a seleção dialógica, contextual e hipercodificada envolvida no processo.

Na interpretação bakhtiniana dos fenômenos da cultura, *a noção de fronteira* adquire um caráter extremamente inusitado, uma vez que existe para ser ultrapassada pelos fenômenos da cultura, mesclando-se à totalidade dos fenômenos culturais. Conforme Bakhtin (1924), “o domínio da cultura não tem fronteiras, ele se situa inteiramente sobre as fronteiras, suas fronteiras passam por tudo, penetrando todos os seus elementos”.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Problemas da poética em Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria da romance**. São Paulo: Editora Hucitec / Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRAIT, Beth. **A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva**. In: FARRACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão e DE CASTRO, Gilberto. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

_____. (org) **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

CLARK, Katherina e HOLQUIST, Michel. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

MACHADO, Irene A. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FAPESP, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A Intertextualidade crítica**. In: **Intertextualidade**, Coimbra: Poétique, n.27, 1979.

ZANDWAIS, Ana. (org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.